

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Tempo e classe (Capítulo I, pág. 13- 33)

No primeiro capítulo, Bauman fala sobre a elite, precisamente, sobre as grandes congregações ou corporações, que são aquelas empresas dominante que controlam a economia mundial. Neste capítulo ele explica sobre a relação entre o empregador e o empregado, duas realidades bastante distintas, onde o primeiro visa o lucro imediato e ausente no local de trabalho, e o segundo são aqueles que se pode dizer que é a mão de obra que trabalha para gerar todo o lucro da empresa em questão, este é aquele que permanece no local de trabalho, pois está ali para cumprir sua obrigação. Bauman estabelece uma relação de conflitos, onde manda quem pode e obedece quem tem juízo.

Ele também aborda sobre a comunicação e como ela pôde atravessar barreiras geográficas. Ele exemplifica falando sobre como é instantânea o tempo da informação. A tecnologia está cada vez mais desenvolvida e hoje não há mais a questão de distância quando se fala em comunicar, informar ou noticiar, tudo é em tempo real. O transporte da informação foi uns dos grandes marcos da história: “O tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos...” (Bauman, 1999, p. 21). A informação que antes necessitava de navios mensageiros para ser levada para outros continentes, hoje é transmitida através da internet, sistemas de televisão e rádio. Dispositivos estes, que são tão rápidos, que acabam perdendo a noção da distância que percorrem para poder enviar toda essa informação. Bauman cita também o avanço nos transportes, falando da criação de novos e a modernização dos que já existiam. Ele cita aviões, trens, automóveis, navios, transportes estes, que são produzidos em massa, aumentando o número de viagem e de pessoas que estão conhecendo diferentes regiões e que estão entrando em contato com culturas, povos e línguas diferentes.

Outra questão criticada é sobre o isolamento da elite. Ele comenta que esses preferem se concentrar em lugares de difícil acesso, morando em casas que dispõem dos mais altos níveis de tecnologias, com ampla segurança. Bauman, ainda usa a evolução no processo de informação como uma das possíveis causas do afastamento da elite de regiões mais movimentadas, recheadas de pessoas importunas. Eles preferem lugares onde apenas eles e pessoas da mesma classe possam frequentar. A globalização trouxe um tipo de desestruturação das comunidades locais.

Guerras espaciais: informe de carreira (Capítulo II, pág. 34- 62)

No segundo capítulo, Bauman argumenta a respeito do espaço social e o espaço físico. Ele cita que hoje não tem mais o mesmo uso do parâmetro do espaço físico e social, que antes foram muito utilizados. Ele argumenta que foram criados critérios de distância, extensão, limites e volumes, por exemplo, para facilitar toda essa distribuição de espaço. Os mapas deveriam ser uniformes e de acordo o Estado. Bauman também critica falando sobre a criação de um espaço superficial, que tem como meta supervisionar e manipular as pessoas e suas relações sociais, sem contar a relação de poder.

É dito também sobre a padronização das cidades, onde há uma hegemonia entre os prédios, casas, ruas e viadutos. Dessa forma, as pessoas têm que se adaptar a essa uniformidade e os que não conseguisse deveriam ficar em locais isolados, excluídos da sociedade. Por outro lado, ele afirma que todo esse processo de padronização acaba afetando diretamente os cidadãos, que acabam tendo problemas psicológicos como, por exemplo, a solidão, a falta de se encaixar na sociedade, acabaram tendo problemas com a identidade. Bauman cita mais uma vez a questão do isolamento comparando-o com o medo urbano e a questão da segurança.

Depois da Nação-estado, o quê? (Capítulo III, pág. 63-84)

Bauman, no terceiro capítulo, fala mais sobre a economia, precisamente sobre cessação da economia e do Estado. Ele aborda sobre as grandes empresas, que demitem pessoas sem ao menos ter prejuízos e o rombo fica à mercê do Estado. Além disso, o autor fala sobre as empresas que preferem investir em outras localidades e esquecem das suas origens. Ele cita que por causa da globalização as empresas vão atrás de mão de obra mais barata e esquecem da população local que precisam de emprego para se manter, pensando apenas nos lucros.

De acordo com Bauman, a soberania do Estado é algo falho em relação à economia. Pois este se torna telespectador enquanto as empresas fazem um *show* à parte, criando manobras econômicas que passam por cima de tudo e de todos. O grande enriquecimento das empresas acaba gerando mais ainda as desigualdades sociais, dificultando as condições de vida dos mais pobres. Ele fala que a globalização só beneficia os mais ricos, pois estes podem dispor de tudo o que ela oferece, enquanto os mais pobres não têm acesso as tecnologias e outros recursos essenciais para o desenvolvimento. Bauman afirma que as situações dessas pessoas acabam caindo no esquecimento e os problemas que enfrentam são ignorados.

Turistas e vagabundos (Capítulo IV, pág. 85- 110)

No quarto capítulo, Bauman fala que as pessoas estão sempre em movimento, mesmo que não seja fisicamente. Ele diz que todos nós somos viajantes e que sempre estamos entrando em contatos com todos e que temos a liberdade de ir e vir. Ele também fala sobre viagens e privilégios, onde quem pertence a países de primeiro mundo tem uma maior liberdade para viajar, enquanto os de países mais pobres sofrem com a política de emigração, sofrem com os muros nas fronteiras e que muitas vezes acabam viajando de forma irregular e são deportados.

Bauman diz também que habitamos em uma sociedade de consumo. Não obstante, o autor esclarece que sociedade de consumo não significa a existência de consumidores, pois o ato de consumir existe desde os primórdios. Ele diz que as sociedades antigas eram caracterizadas por produzir, por outro lado, a atual é distinguida pelo grande afeto ao consumismo. Segundo o sociólogo, a sociedade de consumo é diferente das outras, já que o consumidor é distinto. O também filósofo fala que antes o trabalho era necessário para viver, já hoje é preciso consumir para viver. Bauman também critica a durabilidade dos produtos, apontando que esses estão cada vez durando menos, fazendo com que as pessoas sempre comprem mais por validade do que necessidade.

Para terminar, Bauman faz uma crítica a sociedade, àqueles que vivem viajando. Em relação a isso ele diz que essas pessoas viajam tanto, conhece novas línguas, culturas e povos e, que muitas vezes acabam esquecendo suas próprias origens tentando se adaptar a um local diferente de suas raízes. Tudo isso por causa do processo da globalização que está cada vez mais avançada.

Lei global, ordens locais (Capítulo V, pág. 111-139)

No último capítulo, Bauman argumenta a respeito das leis. O autor cita Pierre Bourdieu tentando justificar que o Estado, melhor dizendo as leis, garante mais a segurança dos mais privilegiados do que do resto da população, que vivem em situações precárias. Ele diz que as leis e normas não são de acesso geral, isso porque muitos são excluídos e vivem à mercê da repressão.

Outro assunto abordado nesse capítulo é a questão do mercado de trabalho que mesmo rígido, deve haver mais investimentos para torná-lo flexível. Desse modo, melhorar as condições dos trabalhadores.

Bauman também afirma que houve uma radicalização nas leis, isso por causa desse processo de globalização. Ele cita o isolamento dos presidiários, que vivem em prisões que mais parece caixões: “Se não fosse pelo fato de que os prisioneiros ainda comem e defecam, as celas poderiam ser tidas como caixões.” (Bauman, 1999, p. 116). Entram em relevância também, os trabalhos que estes

estão sendo submetidos. Trabalhos forçados e que pouco contribuem para o processo de ressocialização. Ele também critica países que gastam mais com o sistema carcerário e segurança do que com educação. Entretanto, estes meios muitas vezes são ineficazes e a realidade mostra um aumento cada vez mais considerável dos números de presos. O sociólogo afirma que a prisão virou um método para aniquilar todos os que perturbam a ordem e a paz social. Bauman também comparou esse isolamento dos presidiários com a forma que as sociedades antigas lidaram com os loucos, escravos e leprosos.